

# O curso de uma vida em “A máquina de fazer espanhóis”<sup>1</sup>

Yonã Freire Ferreira<sup>2</sup>, Lyon

**RESUMO:** Este artigo pretende analisar fragmentos da obra literária “A máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe, a partir da leitura de textos de Sigmund Freud. Concentra-se em memórias, experiências e afetos do narrador e personagem principal, perpassando os temas dos lutos durante o curso de sua vida, da melancolia, da morte, do envelhecimento e das relações humanas, relacionando aos conceitos da teoria psicanalítica frente ao entendimento da autora.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise, luto, melancolia, envelhecimento, literatura.

## 1. Introdução

O livro “A máquina de fazer espanhóis”, do escritor português de origem angolana Valter Hugo Mãe, conta a história de António Silva, um homem de 84 anos que acaba de perder Laura, com quem foi casado por mais de 40 anos. Após a morte de sua esposa, o Senhor Silva é alocado por seus filhos em um asilo.

Escrita em primeira pessoa e inteiramente em letras minúsculas, para criar efeito de oralidade e proximidade - “a sensação de estar num discurso real, natural como aquilo que ele estaria a dizer, a pensar” (MÃE, 2011a) -,

---

1. Trabalho apresentado para conclusão do primeiro ano do curso de formação em Psicoterapia psicanalítica do NPA.

2. Psicóloga, psicoterapeuta, mestranda em Psicopatologia clínica psicanalítica pela Université Lumière Lyon 2 e aluna do curso de formação em Psicoterapia psicanalítica do Núcleo Psicanalítico de Aracaju.

a narrativa varia entre as memórias de sua vida com Laura, durante a ditadura salazarista e acontecimentos de sua vida atual, de viúvo, na Portugal da União Europeia. Como descreve Lourenço Mutarelli, que assina a capa e o texto de orelha da edição brasileira de 2011, “o livro é como um jogo de desarmar, desdobrar, ramificar” (MUTARELLI, 2011).

No presente artigo, passagens do romance são abordadas a partir da leitura da teoria freudiana, em especial sobre morte, luto, melancolia e transitoriedade.

## **2. O curso de uma vida em “A máquina de fazer espanhóis”**

A partir de seus pensamentos, sentimentos e acontecimentos, o caminho de António Silva é retratado. A trajetória, que oscila retomando partes da vida adulta e se debruçando sobre a velhice, inicia no hospital em que a esposa do protagonista, Laura, está internada. A morte dela chega ao final do curto primeiro capítulo.

No texto “A Transitoriedade” (1915/1916), Freud enuncia o que mais tarde desenvolveria como sua teoria do luto: “o luto é um grande enigma, um desses fenômenos que em si não são explicados, mas a que se relacionam outras coisas obscuras” (p.188). A libido, capacidade amorosa presente em cada uma das pessoas, inicialmente é direcionada para o próprio Eu. O sujeito toma a si mesmo como objeto de amor, satisfazendo a pulsão em seu próprio corpo. Ainda no início da vida, começa a reconhecer a presença de um outro.

A inevitável e contínua frustração conduz o indivíduo ao abandono da tentativa de se satisfazer por meio alucinatorio, levando à introdução do princípio da realidade. Desta forma, a mente precisa levar em conta as circunstâncias do mundo exterior e conduzir uma transformação real, ainda que não seja particularmente agradável. Portanto, começa a direcionar seu investimento para os objetos, que são incorporados.

Se um objeto é destruído ou perdido, a energia é liberada e pode ter como destino a substituição por outro objeto ou o regresso temporário para

si (FREUD, 1911; 1915/1916). Ainda nesse período, descrevia o luto como a não renúncia de objetos perdidos, mesmo quando dispõe de substitutos. O fator doloroso desse processo de desprendimento da libido objetal ainda estava além da compreensão, explicação ou hipótese.

Em diversos momentos, o narrador conta seus sentimentos e pensamentos em relação à morte de sua esposa, como quando recebe a notícia, enquanto aguardava no hospital: *“fui atacado pelo horror como se o horror fosse material e ali tivesse vindo exclusivamente para mim”* (MÃE, 2011b, p. 18).

No texto de 1919, “O Estranho”, Freud discorre sobre algo que é intimamente familiar e estabelecido na mente, ainda que oculto através de repressão, e que por algum motivo retorna à luz de maneira assustadora. Grande parte das pessoas tem essa sensação intensamente quando se deparam com a morte; embora, neste caso, o estranho carregue dentro de si o caráter de puramente horrível e por isso é parcialmente escondido. A frase “Todos os homens são mortais” pode ser facilmente reproduzida, porém não compreendida. Desde o início dos tempos, a ideia da própria mortalidade não apresenta lugar no Inconsciente.

Após encontrar Laura uma última vez, António relata:

*“com a morte, também o amor devia acabar. acto contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir. pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade. e não é compreensível que assim aconteça. com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano. esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder.”* (MÃE, 2011b, p. 21).

Em “Luto e Melancolia” (1915/1917), Freud descreve o luto como “a

reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.” (p. 129). Não é visto como um estado patológico, apesar de ser evidente que ocasiona um afastamento da conduta normal da vida.

Diversos lutos são vividos ao longo da trajetória humana. O envelhecimento é marcado não só por perdas físicas, mas também de relações e papéis sociais, como apresentado em algumas passagens do livro. Antônio e Laura dividiam o que ele chama de “gestão ainda de uma certa nostalgia dos filhos”: *“ela não gostava muito que eu o pensasse, e menos ainda que o dissesse, mas era-me claro que já não mandávamos nos filhos, crescidos e independentes, fazendo isso com que parte dos nossos papéis ficassem vazios. era como morrer para determinadas coisas. restava apenas uma nostalgia”* (MÃE, 2011b, p. 16).

No período em que se passa a narrativa, os filhos ocuparam o posto mais alto na hierarquia: decidiram, entre si, que o melhor para o viúvo seria que ele morasse em um lar para idosos: *“a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher”* (MÃE, 2011b, p. 23).

O local se chamava “Feliz Idade” e comportava exatamente 93 pessoas, de forma que a entrada de um novo residente representava a confirmação da morte de um anterior. Era comum que se visse algum dos sobreviventes chorar a perda diante de uma das portas. Ao chegar, o Sr. Silva sentia-se como um intruso naquele luto de alguém que ele não conheceu e que os demais elaboravam às pressas para dar conta de outros lutos que surgiam. Ele descreve o momento em que entra em sua nova acomodação pela primeira vez:

*“o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício. pus-me a olhar para o chão, com ar*

*de entregue. estou entregue, pensei. aos meus pés os dois sacos de roupa e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um idoso é, de facto, igual à de uma criança. o choque de se ser assim tratado é tremendo e, numa primeira fase, fica-se sem reacção. se aquela enfermeira pudesse acabar com aquele sorriso, ao menos acabar com aquele sorriso, seria mais fácil para mim entender que os meus sentimentos valiam algo e que sofrer pela lura não vinha de uma lonjura alienígena, não era uma estupidez e, menos ainda, vinha de um crime para clausura e tudo.” (MÃE, 2011b, p. 23).*

O luto profundo, reativo à perda de alguém amado, acompanha doloroso abatimento, falta de interesse pelo mundo externo, dificuldade em destinar o amor a outro objeto e afastamento de atividades que não sejam relacionadas ao falecido. Não resta mais nada ao Eu que possa ser investido, dedicando-se exclusivamente à vivência dessa reação.

A melancolia exibe os mesmos traços do luto, porém a autoestima é afetada. A diminuição da autoestima aparece na forma de recriminações e ofensas à própria pessoa, podendo desencadear uma expectativa delirante de punição. Existe um automartírio prazeroso envolvido, em que as tendências odiosas que seriam direcionadas ao objeto de amor, se voltam para o próprio ser (FREUD, 1915/1917). O Sr. Silva afirma: *“que vantagem existia, na verdade, em não ter morrido também.”* (MÃE, 2011b, p.18). A ambivalência, movimento de tendências, atitudes e sentimentos opostos que simultaneamente encontram-se na relação com um mesmo objeto, está no cerne da melancolia (FREUD, 1915/1917; LAPLANCHE; PONTALIS, 1984).

A narrativa aborda também a experiência individual e coletiva de ser português – *“somos todos silva neste país, quase todos. crescemos por aí como mato”* (MÃE, 2011, p. 12) – e da vivência no Estado ditatorial de Salazar, que durou 41 anos ininterruptos.

O primeiro capítulo leva o nome de “o fascismo dos bons homens”,

como Valter Hugo Mãe (2011a) diz em entrevista: “meus personagens não sabem se têm saudades da ditadura, não sabem se vive-se melhor num regime autoritário ou num regime democrático”. Contudo o sentimento parecia vir do medo da mudança e, como discorre um dos asilados em conversa com o protagonista, era uma defesa contra novos tempos que sentiam que não pertenciam a eles. A saudade não era exatamente da ditadura, mas deles próprios (o lugar que ocupavam, o corpo que possuíam) e de reconhecer o mundo como seu.

Antes da morte da esposa e da vida na instituição, António Silva era um homem imerso em seu cotidiano imutável. Sua vida era inteiramente voltada para família e para o trabalho, para garantir cuidado, segurança e sustento. Trazia como maior rebeldia ter abdicado da igreja, e ainda assim, havia batizado os filhos para que não sofressem represálias da sociedade. Era averso a qualquer coisa que fugisse desse ciclo. Freud observa o domínio da compulsão à repetição que perpetua no Inconsciente, proveniente e inerente às pulsões. É um fenômeno poderoso a ponto de sobressair em relação ao princípio do prazer: grande parte do que é revivido sob compulsão causa incômodo ao Eu, pois coloca em evidência o que foi reprimido. Existe a possibilidade do retorno a experiências que não contêm prazer e que jamais proporcionaram satisfação. A sensação gerada pode ser de desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, de satisfação para outro (FREUD, 1919; 1920).

Ele lembra de um rapaz que fazia parte da resistência ao Estado Novo e, certa vez, abrigou-se em sua barbearia ao fugir da repressão policial. Sentiu que, ao menos uma vez, poderia superar expectativas e ser algo além do que chamou de “homem amorfo”. Depois desse dia, o jovem passou a frequentar o local, despertando em António a curiosidade sobre a oposição e a ansiedade para ver Salazar cair, ao mesmo tempo intensificando a parte de si que enxergava como um “espírito covarde e prevenido”. Entretanto, nem mesmo essa figura mudou a forma com que o protagonista se relacionava com os outros, aqueles que não partilhavam do seu sangue (a mulher, os filhos e os pais enquanto ainda vivos). Passados alguns anos, a polícia

começou a sondar seu local de trabalho, depois o interroga. Ele delata o rapaz e não retorna a vê-lo. Pensa que não poderia permitir que seu modo de vida fosse abalado:

*“a vida continuava como se nada fosse porque ao fim de cada dia encontrava a minha laura à espera de aquecer a sopa conversando sobre os filhos crescendo e sobre como era bom sermos prudentes e legais. vivíamos como se queria, perfeitamente integrados na sociedade, sem papel de ovelhas ronzosas, ainda que sem igreja, sem amigos, sem dinheiro, sem saber nada do futuro, sem dignidade, sem essa porcaria, que não existe e que me vem sempre à boca, a alma”* (MÃE, 2011b, p.175).

A partir de 1920, Freud sugere a dualidade das pulsões. Passa a denominar pulsão de vida, que concentra o componente da libido do ego (sexual e de autopreservação), voltada para a preservação da espécie e do próprio indivíduo. E pulsão de morte, com o propósito de redução da tensão orgânica e psíquica, permanecendo dentro do indivíduo na forma de angústias e tendências para autodestruição, ou sendo direcionada para fora, como pulsões destrutivas. As pulsões operam em conjunto e em complementação no aparelho psíquico, de modo que a separação é para fins didáticos.

No texto “Além do princípio do prazer”, estuda o caráter regressivo das pulsões. A repetição da dor é proveniente de uma força pulsional que demonstra a impossibilidade de fuga de um movimento regredido, seja de conteúdo prazeroso ou desprazeroso. Tal movimento induz à existência de uma tendência que domina a vida psíquica, a tentativa de diminuição e de abolição da tensão interna dos estímulos, alcançando uma estabilidade, que configura uma restauração do estado originário: inorgânico, inanimado, da própria morte. A pulsão de morte exerce sua função silenciosamente (FREUD, 1920).

Em sua primeira noite no Feliz Idade, ao receber boas-vindas de um colega, ele lhe explica que muitos chegavam da mesma forma: em silêncio,

evitando relações. Com o passar dos dias, tornavam a falar e cultivar afetos pelos outros. Somente após o falecimento deste colega, que tinha se tornado muito próximo, reconhece finalmente a amizade que cultivou não só com este, mas com alguns outros moradores do lar. Confessa que seu investimento era concentrado apenas em Laura e nos filhos, com os outros, relacionava-se de forma superficial e meramente por contingência: “*esgotei tudo demasiadamente perto de mim, e poderia ter ido mais longe*” (MÃE, 2011b, p.237). Em “Sobre o Narcisismo: uma Introdução” (1914), Freud postula: “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer” (p.20).

Antônio diz nunca ter esperado coisa alguma da solidariedade e desse tempo em vida, que antes julgava excessivo. Então, no asilo, descobre uma nova forma de se relacionar consigo mesmo e com o mundo: “*precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia*” (MÃE, 2011b, p.237). Como propõe Freud em “A Transitoriedade” (1915/1916), uma libido empobrecida de objetos pode ligar-se com grande intensidade àquilo que lhe restou, fortalecendo inesperadamente “o amor à pátria, a ternura pelos mais próximos e o orgulho pelo que temos em comum” (FREUD, 1915/1916, p. 189).

### **3. Considerações finais**

Ainda no texto publicado em 1916, Freud escreve que a dor provoca no psiquismo o impulso de retroceder, tornando difícil a tarefa de perceber a beleza da transitoriedade. Entretanto, entende que a brevidade e a raridade no tempo produzem um atrativo que significa maior valorização. O valor do que é admirável e precioso não depende de sua duração integral, visto que se determina pelo significado que ocupa na vida emocional de cada um.

As articulações propostas neste artigo vão de encontro ao entendimento de que o trabalho de luto e o estado melancólico não acontecem de forma estagnada, cronológica ou mesmo lógica, e são permeados pela



ambivalência. O caráter dual dos fenômenos psíquicos é ressaltado, prazer/desprazer, pulsão de vida/de morte e amor/ódio, como vistos durante o curso da vida de Antônio Silva.

## THE COURSE OF A LIFE IN “THE MACHINE FOR MAKING SPANIARDS

ABSTRACT: The article intends to analyze fragments of the literary work “The machine for making spaniards”, by Valter Hugo Mãe, based on the reading of texts by Sigmund Freud. It focuses on aspects of the narrator and main character’s memories, experiences, and affections, passing through the themes of mourning during his life course, melancholia, death, aging and human relationships, relating to the concepts of Psychoanalytic theory in view of the understanding of the article’s author.

KEYWORDS: psychoanalysis, mourning, melancholia, aging, literature.

## EL CURSO DE UNA VIDA EN “LA MAQUINA DE HACER ESPAÑÓLES”

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo analizar fragmentos de la obra literaria “La máquina de hacer españoles”, de Valter Hugo Mãe, a partir de la lectura de textos de Sigmund Freud. Se centra en los recuerdos, vivencias y afectos del narrador y protagonista, pasando por los temas del duelo a lo largo de su vida, la melancolía, la muerte, el envejecimiento y las relaciones humanas, relacionándolos con los conceptos de la teoría psicoanalítica frente a la comprensión de la autora del artículo.

PALABRAS CLAVE: psicoanálisis, duelo, melancolia, envejecimiento, literatura.

## REFERÊNCIAS:

- Freud, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. [1911] In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. v. 10, p.108-121. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. Introdução ao narcisismo [1914]. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. v.12. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. A transitoriedade [(1915) 1916] In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. v.12, p.247-252. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. Luto e melancolia [(1915) 1917]. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. v.12, p. 170-194. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. Além do princípio do prazer [1920]. In: *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. v.14, p.161-239. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- Freud, S. O estranho. [1919]. In: *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996,
- Freud, S. O infamiliar / Das Unheimliche [1919]. In: *O infamiliar / Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia*. Tradução e notas de Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- Freud, S. O inquietante. In: *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. v.14, p.247-311. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Laplanche, J, Pontalis, J. [1984]. *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 2016.
- Mãe, V. O Brasil é uma lição para os portugueses. [Entrevista concedida a] Lilian Fontes, Maria Carolina Maia. *Veja*, São Paulo, 12 jul., 2011a. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/valter-hugo-mae-8216-o-brasil-e-uma-licao-para-os-portugueses-8217/>> Acesso em: 01 jun. 2021.
- Mãe, V. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Editora Cosac Naif, 2011b.
- Mutarelli, L. [Orelha do livro]. In: Mãe, V., *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Editora Cosac Naif, 2011.

yonafferreira@outlook.com